



UFRJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Departamento de Administração

Igor Pereira Brito Santos

AS PRISÕES QUE O MEDO IMPÕE AO POVO DO RIO DE JANEIRO:
Como a violência e o medo podem afetar o padrão de consumo da
população na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 2019

Igor Pereira Brito Santos

**AS PRISÕES QUE O MEDO IMPÕE AO POVO DO RIO DE JANEIRO:
Como a violência e o medo mudam o consumo da população na Zona Norte
do Rio de Janeiro.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ).

**Orientador (a):
Luciano Rodrigues de Souza Coutinho**

Rio de Janeiro, 2019

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu pai Edivaldo Nascimento dos Santos, *in memoriam*, e minha mãe Ana Amelia Pereira Brito dos Santos, pois sem eles esse trabalho e sonho nunca existiriam.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente aos meus pais, pois graças a eles tive a oportunidade de cursar uma universidade pública, eles me orientaram e sonharam comigo para que eu pudesse ingressar e concluir o curso de Administração.

Agradeço a minha irmã e família, que estiveram ao meu lado nessa trajetória, sempre me apoiando e me auxiliando.

Agradeço a minha namorada, que esteve ao meu lado e me apoiou nesse caminho tão longo, mesmo nos momentos mais difíceis e de grande estresse.

Agradeço a meus amigos de dentro ou fora da faculdade, que mesmo sem terem influenciado diretamente na monografia, foram de suma importância nesse trajeto.

Agradeço alguns professores que foram fundamentais para o alcance desse objetivo. Em especial: Renato Bittencourt, Paulo Roberto Falcão, Alexis Cavichini, João Alfredo Lagoa e Vinícius Cordeiro.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa trajetória da minha vida. A vocês o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente estudo busca traçar um paralelo de como o sentimento de medo da violência e insegurança afeta diretamente no comportamento e na tomada de decisão de consumo da população que vive na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Como o medo e violência podem afetar o consumo e escolhas pessoais dos indivíduos, o que podem deixar de consumir e se deixam de frequentar um certo local devido ao horário ou até mesmo pelo local em si.

A Zona Norte foi a opção a ser estudada por ter a maior densidade demográfica na cidade do Rio de Janeiro (10.185 Hab/km²) e tendo em vista a ligação que a mesma possui com as demais Zonas da região metropolitana.

Palavras-chave: medo, consumo e segurança pública

SUMÁRIO

1.	Introdução	6
2.	Relevância da Pesquisa	8
	2.1. Para Ciência	8
	2.2. Para Sociedade	8
	2.3. Para o aluno	8
3.	Motivações para Pesquisa	8
4.	Referencial Teórico	9
	4.1 Violência	9
	4.2 Medo	12
	4.3 Comportamento do Consumidor	15
5.	Metodologia	19
6.	Desenvolvimento	20
7.	Resultados	22
8.	Discussão de Resultados	26
9.	Considerações Finais	29
10.	Referências	30
11.	Apêndices	32
	11.1 Questionário aplicado para coleta de dados	32
	11.2 Projeto Piloto	33
	11.2.1 Questionário aplicado	33
12.	Anexos	38

1. Introdução

Existem diversos tipos de medo, o presente estudo busca estudar aquelas percepções de medo que estão relacionadas à violência como: medo de sair à noite, consumir produtos de alto valor agregado (joias, celulares de última geração, roupas, acessórios, veículo), utilizar modais de transporte em massa. O estudo buscará entender melhor se esse temor está a controlar ou não a vida do povo, o comportamento, consumo e até desenvolvimento profissional.

O presente estudo analisará como o medo da violência pode influenciar a rotina de consumo da população que habita a Zona Norte carioca. Se esse tem poder ou não para influenciar diretamente nas tomadas de decisão da população e dos empresários e das empresas da zona estudada. Será estudado se o sentimento de medo da violência influencia no comportamento do indivíduo como consumidor e como empresário, se os horários e hábitos mudam por conta da insegurança.

O medo pode fazer com que a população não consiga usufruir dos bens conquistados ou até mesmo esconder o que tem? Será que devido ao medo, as pessoas se sentem cada vez mais aprisionadas? Viver dentro de condomínios fechados, deixar de sair à noite e evitar inúmeros lugares que, em um contexto normal, não deveriam ser evitados, pode ser um sinal de uma prisão imposta por esse sentimento.

A partir do momento que se vive uma situação desagradável devido ao medo, como um roubo à mão armada, por exemplo, o ressentimento com as memórias já vividas, que é pautado nas recordações, faz com que na atual conjuntura não sejam apenas lembranças, mas sim um medo que é sentido constantemente, e que pode mudar por completo a vida da população da Zona Norte do Rio de Janeiro.

A Zona Norte do Rio de Janeiro, foi a escolhida como local de pesquisa devido a sua grandiosidade demográfica e geográfica (anexo 5), ou seja, a com maior concentração populacional do Estado do Rio de Janeiro e uma das maiores em tamanho, sendo a de maior densidade demográfica.

É possível observar dentro da população desse estudo como o medo reativo – aquele em que a pessoa, ao se sentir ameaçada, usa como estratégia de defesa o ataque ao próximo - vem afetando direta e indiretamente a forma de viver do carioca, conforme explicado Bauman (2007).

Muitas pessoas estudam, se qualificam, trabalham e passam anos no mercado de trabalho com diversos objetivos. O presente estudo analisará um recorte

de pessoas que se sentem afetadas por não poderem pode ser de usufruir de bens de consumo ou até mesmo certos tipos de confortos conquistados. Porém, independente da classe que a pessoa alcança, ou *status*, a violência vem abrangendo os extremos, tanto indivíduos de Classe A ou E (anexo 1). Devido a isso, é importante relacionar como a sensação de medo é influenciada por esta violência e como isso é refletido na rotina. O presente estudo busca analisar esta sensação dos moradores da Zona Norte.

Através do presente estudo, analisaremos diversos perfis dos entrevistados. Mesmo não sendo uma pesquisa estatística, a ideia é mostrar como entrevistados de diferentes idades, gêneros, que utilizam diversos modais de transporte e praticam diferentes atividades de lazer em sua rotina diária, podem se sentir afetados ou não, pela sensação de medo e insegurança.

O estudo realizará entrevistas com pessoas e analisará se as mesmas podem se sentir afetadas pelo sentimento de medo da violência e possíveis mudanças de comportamento devido ao mesmo, mostrando se este pode afetar o comércio, a vida da população, a aquisição de bens de consumo e em quais horários do dia esses comportamentos são mais explícitos.

O setor da indústria da segurança teve considerável crescimento nos últimos anos e o presente estudo tratará como a violência foi o principal motivo que contribuiu “para o crescimento médio do setor nos últimos três anos ter sido de 8%” (REVISTA EXAME, 2018)¹.

Também pode ser observado o medo da violência como forma de controle dos políticos e como isso influencia nas atuais ascensões políticas, tendo em vista que nas eleições de 2018 os políticos e os partidos que saíram vitoriosos nas urnas pregavam a segurança como plataforma prioritária em suas campanhas políticas. Exemplo disso foi a eleição do atual presidente, que em sua campanha, veio a público aprovar a violência ao outro como algo plausível, desde que seja para defender a sua propriedade (em reportagem da Revista Forum Online – Ribeirão Preto - SP, em 29 de abril de 2019).

Importante salientar que a mídia também pode influenciar neste sentimento de medo com a alta divulgação de notícias trágicas retratando a violência e suas consequências – como por exemplo de latrocínios e roubos à mão armada. Assim, é apresentado um cenário em que a violência pode se mostrar presente na rotina do

¹ Conforme afirma a Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança - ABESSES, em matéria para Revista Exame Online, Estado de São Paulo em 22 de fevereiro de 2018

cidadão, principalmente nos locais em que habita, como tratado nesse estudo, a Zona Norte.

Será que realmente o medo da violência vai ter a força para ampliação de um nicho sobre segurança no mercado? Como a população se sente em relação a violência e local onde vivem? Os entrevistados se sentem seguros para fazerem o que desejam na hora e local escolhidos? Como o consumo por eles é influenciado?

2. RELEVÂNCIA DA PESQUISA

2.1 Para ciência:

Para ciência, o estudo busca traçar um paralelo entre o comportamento de uma região da cidade do Rio de Janeiro e como o medo da violência pode influenciar diretamente no consumo, qualidade de vida e até mesmo em ambições profissionais.

2.2 Para sociedade:

Para sociedade, buscam-se explicações e esclarecimentos de como esse sentimento é forte e pode conseguir influenciar o consumo e conseqüentemente o consumo de bens e serviços na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Busca-se um entendimento do atual cenário de violência que a população estudada vive.

2.3 Para o aluno:

Geralmente os alunos que estudam em uma universidade buscam uma qualificação especializada para uma ascensão profissional. Para alguns, chegar a um bom cargo e poder ter uma vida confortável, seria um estímulo. Porém num futuro seria de grande satisfação que a maioria pudesse usufruir de bens conquistados e uma melhor qualidade de vida, podendo escolher onde ir, que horário e como chegar até aquele local, sem medo de sofrer algum tipo de violência no trajeto.

3. MOTIVAÇÕES PARA A PESQUISA

Quando idealizei o presente estudo, eu acabava de retornar de um período morando fora do país em um lugar (Gold Coast, Queensland – Austrália) onde o índice de violência beirava zero (conforme pesquisa das Nações Unidas em 2012 – Tabela resumida no Anexo 2). Podia-se observar a diferença de vida (consumo, lazer, conforto, etc...) do povo Australiano (local no qual morei por 5 meses e pude fazer a constatação) para o povo brasileiro e mais especificamente carioca que vive ou frequenta a Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Ao ir viver fora do país havia passado por um cenário de extrema violência envolvendo minha família, quando meu pai Edivaldo Nascimento dos Santos, viera a

falecer aos 60 anos, vítima de um tiro em uma tentativa de assalto na casa em que morávamos, no bairro do Rocha, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Nesse momento pude ver como o medo estava mudando parte da minha vida e de toda a minha família. Como o comportamento, consumo, locais para onde ir e horário, tudo estava sendo alterado com intuito de nos proteger e de sentir menos insegurança.

Por ter sofrido diretamente um episódio com uma grande violência dentro da minha própria casa e perdido meu pai em tal episódio, vi minha vida inteira mudar da noite para o dia e onde era o local mais seguro do mundo para mim, simplesmente deixou de ser, vide que vivia em um condomínio fechado, com portaria 24 horas, câmeras, muros e segurança, tudo que a indústria da segurança vende com intuito de passar ao cidadão a sensação máxima de segurança possível.

Próximo às eleições presidenciais, também pude observar como o medo da violência e ódio influenciaram nas escolhas políticas da população. Essa, muitas vezes se vê sem alternativa e pede por atitudes que a alguns anos atrás eram abominadas, como por exemplo, parte da população pedindo por um retorno da ditadura militar, alegando que, na época da ditadura, não havia a violência como existe no atual momento que estamos vivendo (REVISTA EXAME, 2017).²

Em relação ao comportamento dos empresários e organizações, analisaremos como o horário de funcionamento dos estabelecimentos é influenciado devido a possível exposição à violência. Além disso, será analisado de que modo a indústria de segurança pode se beneficiar dessa atual conjuntura para vender mais e consequentemente obter mais lucro.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Violência

Existem diversos tipos de violência que podem desenvolver diferentes formas de medo, como por exemplo, a violência policial, que para Rolim (2006), tem grande influência no medo da população, principalmente quando essa está relacionada às classes sociais mais baixas (classes D e E (Anexo 1)), que são as que mais sofrem com a violência e intolerância dos homens do Estado.

² FERREIRA SANTOS, Bárbara. **Um a cada três brasileiros apoia a intervenção militar no país.** 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/um-a-cada-tres-brasileiros-apoia-intervencao-militar-no-pais/> Acesso em: 23 jun 2019

Essa polícia é a mesma que nem sempre considera o argumento do pobre e não justifica suas ações diante dessa população. Principalmente quando lidam com a parte da população que vive à margem da sociedade, conforme Rolim fala;

A violência policial, bem como toda atividade estruturada pelo modelo reativo de policiamento, é seletiva. Ela se faz presente quando as vítimas são pobres e humildes; quando os próprios policiais intuem que elas situam-se tão à margem da sociedade que seus eventuais e improváveis protestos não serão ouvidos (ROLIM, 2006, p. 48).

De acordo com Lima (2016), o sentimento de violência, vingança e omissão, pode dar a políticos extremistas uma enorme força para ascensão ao poder. Esses, por sua vez, se aproveitam do ódio da população e instigam o povo a querer que os criminosos paguem com a vida ou até mesmo sofram o mesmo que provocam, comportamento que era comum em períodos muito antigos e que, em países mais desenvolvidos, são vistos como algo abominável.

O modelo econômico adotado por esses políticos cria um demasiado crescimento das classes miseráveis, que acabam sendo levados para as prisões impostas pela sociedade.

A sociedade está mergulhada na violência, na vingança, na omissão. Ela cria mitos de acordo com seus interesses políticos, mitos esses que ficam marcados, sem direito à vida. O seu modelo econômico gera uma miséria incontrolável. Os sem-terras, os sem-teto, os sem nada, os excluídos do processo produtivo da sociedade; muitos deles povoam os efervescentes campos de concentração denominados prisões (LIMA, 2016, p. 178).

O Rio de Janeiro vive em um estado de calamidade pública quando o assunto é segurança, já existiram algumas políticas de segurança como as UPP's citada por Cano (2012). Para Betim (2018), as Unidades de Polícia Pacificadora nasceram como uma nova esperança para o povo carioca, porém o objetivo central não foi o combate à violência e sim o combate ao tráfico de drogas.

Hoje, após a instalação de 38 UPPs, o modelo que representou nos últimos anos a esperança de um Rio mais seguro se mostra esgotado, após colecionar uma série de fracassos e escândalos nos últimos anos. Algo que também já se reflete no Santa Marta, que chegou a ficar mais de seis anos sem tiroteios. A velha rotina está de volta. (BETIM, Felipe, 2018 – Revista El País)

As instalações se concentraram principalmente na Zona Sul carioca, depois se expandindo para região do Centro e Zona Norte. Para Cano (2012), essas regiões receberam algumas unidades de UPP's porém a melhora não veio diretamente para a população, pois a mesma que tinha esperança de uma melhora na segurança pública apenas viu apreensões de drogas e muito brevemente armamentos, não diminuindo assim a sensação de insegurança da população que ainda via assaltos, arrastões e o medo constante nas suas rotinas.

No outro lado da cidade, a violência seguiu iminente, seja por parte das facções criminosas ou por parte das milícias (grupos geralmente formados por ex-policiais corruptos que cobram da população daquela região valores monetários em troca de segurança, os mesmos também vendem serviços monopolizados para aquela região – televisão, internet, telefone, entre outros - que se vê obrigada a consumir apenas o serviço oferecido pelos milicianos, pois caso contrário os mesmos punem violentamente de acordo com as próprias regras e a polícia, que era para proteger a população, geralmente nessa parte, acaba se omitindo das suas obrigações com o Estado) (CANO, 2012).

O medo da violência é coercitivo e existe em todos os lugares da cidade. O medo está intrínseco no povo carioca e enquanto não houver uma política de segurança diferente e eficaz a população será refém desse sentimento que continuará regendo suas vidas.

A distribuição espacial das unidades, mostram uma forte seletividade geográfica, já que o projeto não abrange em sua totalidade, a cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado, mas principalmente os bairros da Zona Sul (turística e rica), do Centro e da região administrativa da Tijuca, ao redor do estádio do Maracanã, onde será jogada a final da Copa do Mundo de Futebol. As UPP's deixam em segundo plano justamente as zonas mais violentas da região metropolitana, que incluem as comunidades da chamada Baixada Fluminense e a periferia da Zona Oeste e Norte da capital. Na Zona Oeste do Rio há somente duas UPP's: Cidade de Deus e Jardim Batan. Esta última unidade é a única unidade estabelecida num território anteriormente controlado por milícias, grupo de policiais corruptos, que extorquem os habitantes das comunidades pobres e os obrigam a pagar por proteção, ao mesmo tempo que se beneficiam do controle monopólico de diversos setores comerciais e de serviços (transportes, venda de gás, TV a cabo, etc.). As milícias são o outro grande problema de segurança das comunidades, pois exercem um domínio territorial coercitivo e operam com alto nível de violência, semelhante ao narcotráfico, embora não se enfrentem a tiros com a polícia. É

visto que, entre as 27 unidades, somente uma contempla esta realidade que confirma que as UPP's foram idealizadas basicamente como iniciativa para combater o tráfico de drogas. (CANO, 2012, p. 18, tradução nossa)

4.2 Medo

Segundo Bauman (2009, p. 68), a sensação de falta de segurança embota, tira a capacidade de discernimento e senso crítico, alimentando o medo. Isso vem cada vez mais mudando o comportamento da população, que por se ver insegura, deixa de ter seus comportamentos - que seriam ditos como “normais” - e isso vem fazendo com que a vida urbana seja diretamente afetada. O que seria chamado de atrativo como: sair à noite para bares, festas e restaurantes, a cada dia pode se tornar mais raro.

Devido a diminuição das saídas à noite, muitos comércios acabam fechando a porta mais cedo, pois o medo de ficar vulnerável no local frequentado não é o único, também existe o medo da transição de casa até o local frequentado e a volta para as residências, que geralmente são os períodos mais temidos do dia.

A insegurança alimenta o medo: não há novidade, portanto, no fato de que a guerra à insegurança tenha grande destaque na lista das prioridades dos planejadores urbanos [...]. O problema, porém, é que, com a insegurança, estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana. A alternativa à insegurança não é a beatitude da tranquilidade, mas a maldição do tédio (BAUMAN, 2009, p.68).

Para Bauman (2007, p. 94), independe da classe social da população, todos atualmente vivem em suas próprias prisões, cada qual do seu jeito. Isso faz com que esses estejam sempre buscando o convívio com pessoas semelhantes, pois isso passa para eles uma sensação de seguridade.

Dessa forma, a população perde parte do senso crítico e da capacidade de dialogar com os diferentes, pois se cerca da população na qual pode ter a conhecida “vida social”. Esse comportamento cada vez mais tende a separar as classes sociais e aumentar a desigualdade como todo (BAUMAN, 2007, p. 64). Pois a partir do momento que viver em um ambiente uniforme traz uma sensação de maior segurança, as classes sociais ficam separadas e tendem a se misturar menos.

Quanto mais as pessoas permanecem num ambiente uniforme e na companhia de outras “como elas” com as quais podem ter superficialmente uma “vida social” praticamente sem correr o risco da incompreensão e sem enfrentarem a perturbadora necessidade de traduzir diferentes universos de significado, mais é provável que “desaprendam” a arte de negociar

significados compartilhados e um *modus convivendi* agradável (BAUMAN, 2007, p. 94).

Analisando os sistemas de segurança pública existentes no Brasil atualmente, mais especificamente os da Zona Norte, é possível observar como essa situação caótica que do Estado pode restringir e moderar a vida de uma parte da população carioca.

O vínculo do medo da violência ao comportamento da população e com isso uma restrição de hábitos e comportamento, tornando assim parte do povo carioca prisioneiro sem ter cometido crime algum.

Para Bauman (2007), o medo faz com que o povo passe a ter uma posição defensiva e como resposta isso afeta diretamente o cotidiano da vida da população que acaba criando novos métodos de se esconder em busca de proteção.

Esse atual comportamento faz com que muitas empresas do ramo de segurança explorem soluções para essa insegurança e possivelmente lucrem com estas. Isto porque muitas vezes a população está em busca de locais fechados e supostamente seguros, como: *Shoppings Centers*, condomínios, galerias, feiras e qualquer outro lugar que dê essa sensação de segurança, evitando assim comércios de rua, visita a locais públicos, o que conseqüentemente afeta o comércio do local.

Os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva. Quando isso ocorre, a ação defensiva confere proximidade e tangibilidade ao medo. São nossas respostas que reclassificam as premonições sombrias como realidade diária, dando corpo à palavra. O medo agora se estabeleceu, saturando nossas rotinas cotidianas; praticamente não precisa de outros estímulos exteriores, já que as ações que estimula, dia após dia, fornecem toda a motivação e toda a energia de que ele necessita para se reproduzir. Entre os mecanismos que buscam aproximar-se do modelo de sonhos do moto-perpétuo, a autorreprodução do emaranhado do medo e das ações inspiradas por esse sentimento está perto de reclamar uma posição de destaque (BAUMAN, 2007, p. 15).

Para Silva (2014), o medo é um potencial gerador de lucro, pois nele temos a chamada “máquina paranoica imparável”, que consiste em um novo meio que essa indústria consegue tirar proveito e cada vez mais crescer, se alimentando do medo da população, que busca se proteger de todas as formas possíveis. O presente estudo buscará dialogar com a suposição: se os entrevistados de classes econômicas elevadas, como as classes A e B, geralmente vivem em condomínios fechados, com seguranças, portaria, grades, câmeras e quando precisam sair, saem em carros,

algumas vezes até blindados e frequentam locais fechados e tão seguros quanto os condomínios.

Em relação aos entrevistados de classes C e D (anexo 1), que não são munidas de tal poder aquisitivo verificaremos se é possível afirmar que estas muitas vezes não conseguem comprar a segurança semelhante à classe A e B (anexo 1), e se por este motivo podem ter a sensação de desproteção. Fato o qual pode aumentar a possibilidade de os mesmos ficarem em casa, a fim de se proteger da violência urbana.

O presente estudo buscará explorar o sentimento da população residente na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, atualmente, e se a mesma se sente acuada e/ou sem esperança de uma alteração no atual cenário vivido.

Para Silva (2014, p. 71-72), o mecanismo de segurança ostensivo faz com que o medo constante de assaltos e a adrenalina gerada por isso se torne alguma coisa que não fuja do que é entendido como normal e isso pode ser encarado pela população como uma tendência a começar uma educação aos jovens da nova sociedade de forma que esses, num futuro, possam se defender melhor. A violência que é a geradora da própria violência.

Onde há mais mecanismos de segurança ostensivos há mais medo potencial para desenvolver os medos: esse é o paradoxo da máquina paranoica imparável que se alimenta a si mesma. A luta contra o terrorismo, que produz, por sua vez, o máximo de terror. O medo torna visível a possibilidade de ser assaltado e agita o coração (SILVA, 2014, p. 71-72).

O paralelo entre as festas e a rotina do povo carioca, como carnavais, futebol e réveillon, é ainda uma fuga para o povo que ali vive. Isso pode ser explicado pois todas essas festas atraem multidões, que quando estão reunidas em grandes grupos tendem a sentir uma maior sensação de segurança, conforme falado por Bauman (2011).

Ainda segundo Bauman (2011), existe um comparativo entre a sensação de segurança ao sair em grupos e ao mesmo tempo como isso gera a sensação de medo. Pois como afirmado por Bauman (2011), a sociedade teme o medo, porém reforça o mesmo na necessidade de convivência em grupos.

O caos é o que há de mais aterrador para as promessas acenadas pela rotina do estabelecido. A sociedade é uma fuga do medo, mas também é o solo fértil desse medo, e dele se alimenta, é dele a garra com que ela nos detém e extrai sua força (BAUMAN, 2011, p. 27).

Ainda, segundo Bauman (1998), ser pobre é encarado como crime e por isso a tendência de seu afastamento da sociedade e, de certo modo, o fato de ser pobre pode ser encarado como semelhante a ser criminoso, pois para as diferentes classes sociais, que veem de fora, a imagem do pobre é distorcida e geralmente associada a atividades criminosas.

Cada vez mais, ser pobre é encarado como um crime; empobrecer, como o produto de predisposições ou intenções criminosas – abuso de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação do pecado (BAUMAN, 1998, p. 59).

Para Beck (2010), um ponto que deve ser visto e considerado é o controle que o medo pode dar aos políticos. Atualmente, na situação que vive o país, os políticos vem utilizando desse sentimento para atrair multidões – de revoltados – que veem os políticos que falam que o medo deve ser combatido com violência, como heróis, como foi o exemplo da última eleição (2018), quando o então candidato à presidência da república, mesmo sem ir a nenhum debate e pouco aparecendo com planos de governo – devido a uma facada em um comício no início das campanhas eleitorais – foi eleito com um alto percentual de votos, tendo seu maior colegiado nas capitais de cada Estado – locais conhecidos e temidos pela violência.

O medo da violência como forma de solidariedade cresce e se torna uma enorme força política que, conforme esse sentimento cresce, alavanca consigo a ascensão dos políticos extremistas.

A solidariedade da carência é substituída pela solidariedade do medo. O modelo da sociedade de risco marca, nesse sentido, uma época social na qual a solidariedade por medo emerge e torna-se uma força política (BECK, 2010, p. 60).

4.3 Comportamento do Consumidor

Segundo Rolim (2006), a alimentação da insegurança gera muito mais que somente a sensação de medo, gera também altos lucros e um novo nicho de indústria, que apenas pode existir devido à violência. São essas as indústrias privadas da segurança que vendem para a população a preços exorbitantes a sensação de proteção.

A partir da experiência dos crimes extremamente violentos que são vistos nas mídias e redes sociais, pode-se observar que a população busca novos meios de se proteger, sejam eles ficando em casa (mais comum entre as classes menos favorecidas financeiramente, classes C, D e E) ou pagando pela segurança (geralmente mais usufruída pelas classes mais abastardas, classes A e B).

Ao segundo grupo, que compra essa dita “segurança”, resta a contratação desses novos serviços proporcionados pelo novo nicho de mercado que a insegurança permitiu abrir, a conhecida indústria da segurança, e a cobrança a médio e longo prazo em cima dos governantes, para que os mesmos tomem atitudes e façam investimentos em prol da segurança da população.

O medo do crime tem sido construído socialmente por muitos fatores. A cobertura exagerada de crimes violentos, por exemplo, acompanhada quase sempre de apelos em favor de respostas “duras” e “urgentes”. Os interesses das empresas de segurança na ampliação de seus mercados e a exploração demagógica da criminalidade e da violência pelo discurso político tem desempenhado papel importante nesse processo (ROLIM, 2006, p. 270).

Os *Shoppings Centers* atuam como uma espécie de pequenas cidades. Neles existem locais para diversão, alimentação, compras, locais de convívio comum e lazer. Mesmo eles sendo privados, teoricamente é um espaço que todos deveriam poder frequentar

O Shopping traz ao consumidor uma sensação de segurança, de uma cidade diferente, que deu certo. Nela não existe lixo pelas ruas, pessoas sentadas no chão pedindo comida ou dinheiro, não é vista a violência das ruas, porém tudo isso é uma invenção capitalista, que tem como grande objetivo gerar lucro. Padilha fala que,

Como um espaço privado que se traveste de público para dar a ilusão aos consumidores de que se trata de uma “nova cidade”, mais bonita, mais limpa e mais segura que a “cidade real”, que pertence ao mundo de fora, o Shopping Center é tomado aqui como um importante complexo comercial que pretende fabricar um “novo homem”, a fim de adaptá-lo à obsessão capitalista pelo lucro (PADILHA, 2006, p. 23).

Para Sarlo (2014), os Shoppings surgem como uma necessidade de uma cidade que vive com medo. Associado ao que é falado por Padilha (2006, p. 23), os Shoppings são projetos de cidade praticamente perfeita, sem nenhum problema que acontece normalmente fora desses locais.

A cidade é vista como um local temeroso e gera condições de dúvida e apreensão a quem ali vive. Com o surgimento dos Shoppings, é ofertada uma nova proposta para a população, uma opção que, além de segura, é um desenho de cidade perfeita com acesso gratuito.

As qualidades do Shopping são as de que necessita quem vive temeroso na cidade. Como se ajustado a um projeto divino (a mão invisível do mercado desenha com um onisciente buril de ferro), a regularidade, a ordem, a limpeza e a repetição, que impedem o salto no imprevisto, garantem que o Shopping funcione sem nenhum dos inconvenientes do urbano. Em um momento em que a cidade é vista como fonte de males e em que se pede uma cidade disciplinada que responda a esse imaginário do medo e a condições reais de incerteza, o shopping oferece o que se busca e, além do mais, de graça (SARLO, 2014, p. 15).

Uma estrutura panóptica, estruturada em forma de shoppings centers, busca trazer uma sensação de segurança. Devido à alta segurança e visão holística que se tem nos shoppings, os indivíduos tendem a ficar mais a vontade e esquecer o mundo do lado de fora, Mesquita fala que,

A estrutura panóptica tende, por seu trabalho incessante e minuciosamente elaborado, a “minar” as resistências comportamentais em contrário. Com a desculpa de estar criando um ambiente seguro, ideal, protegido das tensões do cotidiano deixadas “lá fora”, acaba se tornando a grande ameaça a uma sociedade reduzida aos limites do previsível (MESQUITA, 2002, p. 28)

Para Mesquita (2002), enquanto os Shoppings Centers são vistos como um local seguro e com baixo risco de violência, do lado de fora a cidade segue um caos, onde a violência e falta de segurança persistem resistentes.

Do lado oposto aos shoppings, o lugar da “paz” e do discurso da segurança, situa-se o espaço do caos e da diferença, o espaço em “descontrole” das cidades reservadas aos excluídos (MESQUITA, 2002, p. 65).

Padilha (2006) afirma que as classes sociais com maior poder de capital encontram nos Shoppings Centers uma segurança que não encontram nas ruas, pois para ele essa segurança só existe por ser uma segurança privada.

Com isso é possível impedir que os indesejados e possíveis ameaças adentrem no mesmo local que essa classe social privilegiada frequenta e isso é um dos motivos da sensação de segurança trazidas pelos Shoppings Centers.

Como explicar que, nesses centros comerciais, as classes privilegiadas encontrem a segurança que não encontram mais nos espaços públicos? Isso

só é possível porque essa segurança é privada. Assim, pode-se legitimar o impedimento da entrada de pessoas consideradas indesejadas e ameaçadoras da ordem artificialmente estabelecida (PADILHA, 2006, p. 29-30).

Do divórcio entre a cidade e sua lógica caótica estruturante, surge o shopping. A cidade é o perigo, o inimigo em potencial que pode, a qualquer momento, insurgir-se contra os seus “donos”; o shopping é a fratura do real que vem suplantar o perigo, neutralizar as ameaças e formatar culturas e costumes (MESQUITA, 2002, p. 73).

Os inúmeros sistemas de segurança utilizados em Shoppings Centers trazem aos seus consumidores a sensação de segurança, uma espécie de sonho de uma minicidade onde não existem problemas, que estimula o consumismo e faz com que as famílias utilizem esse local para se refugiar dos perigos existentes na cidade.

Além disso, como falado por Bauman (1999), isso não necessariamente se trata de uma realidade, porém uma utopia que faz com que as pessoas cheguem a um consenso de que esses centros comerciais melhorem a realidade vivida.

Vigias eletrônicos, alarmes contra roubo e estradas e saídas estreitas que se fecham sozinhas separam essa utopia miniaturizada do resto do mundo, abandonado a sua confusão aparentemente inextirpável. Prodígios de harmonia e perfeição são agora oferecidos como entretenimento – para os passeios de domingo e o desfrute da família. Ninguém supõe que sejam reais. A maioria, porém, concorda que melhoram a realidade (BAUMAN, 1999, p. 239).

Para Harvey, os Shoppings tiveram seu crescimento dentro da sociedade, devido às sensações que traziam, fossem elas de segurança, fácil acesso, organização ou até o conjunto de fatores que proporcionem um conforto aos seus consumidores.

Fazendo um paralelo a isso, os Shoppings trazem o que os centros urbanos são carentes e que a sociedade tende a desejar, que é a segurança, organização, fácil acesso ao comércio e serviços num só lugar (exemplos: farmácia, cabeleireiros, alimentação, cinema, lojas variadas, diversão para crianças, entre outros). Então, pode-se entender que o sucesso dos Shoppings centers vem da necessidade que a sociedade possui quando busca nas cidades as sensações que os shoppings proporcionam.

O segredo do sucesso comercial do shopping estava na construção de ambientes protegidos, seguros, bem organizados, de fácil acesso e,

sobretudo, agradáveis, relaxantes e isentos de conflito. O mall foi concebido como um mundo de fantasia em que a mercadoria reina suprema (HARVEY, 2011, p. 220-221).

5. METODOLOGIA

Utiliza-se o método de pesquisa exploratório, visto que por se tratar do estudo num universo delimitado como é o caso da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, busca-se uma maior interação entre o pesquisador e objeto de pesquisa.

A pesquisa de caráter qualitativo é utilizada no caso. Buscando compreender o comportamento de determinado grupo dentro de um determinado processo decisório, como é caso dos objetos de estudo que são indivíduos residentes da Zona Norte Carioca.

É utilizada a entrevista semiestruturada como a técnica de coleta de dados, pois a mesma possui uma maior interação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa. Vale ressaltar que, por se tratar de um universo como a Zona Norte do Rio de Janeiro, a entrevista permite um estudo mais amplo ao passo que podem-se entrevistar pessoas de diversas idades e bairros da cidade, desde que os mesmos tenham como pré-requisito serem moradores da Zona Norte.

Foi entrevistado individualmente um universo de 10 pessoas, sendo 5 homens e 5 mulheres, sendo 4 indivíduos que se identificam com sexo masculino menores de 35 anos, 4 indivíduos que se identificam com sexo feminino menores de 35 anos, 1 mulher maior de 35 anos e 1 homem maior de 35 anos, residentes de diferentes bairros da Zona Norte.

Foram criadas hipóteses com objetivo que as mesmas fossem validadas através do questionário aplicado. Após a validação foi feita uma apresentação dos resultados e discussão dos mesmos, validando ou não as hipóteses criadas e trazendo um resultado sobre o questionário.

Vale ressaltar as limitações do estudo e pesquisa acadêmica, por se tratar de um trabalho que envolve muitas hipóteses e abertura para diversas respostas. O ideal seria uma entrevista com um maior número de participantes para validar fielmente o resultado, porém com a delimitação de tempo e custo, o mesmo seria inviável, tendo que buscar num universo reduzido de entrevistados, uma validação fidedigna dos dados.

Também temos como limitação do estudo o tratamento apenas com maiores de idade. Pois jovens (menores de 18 anos) não se encaixam no perfil estudado, já que a

tomada de decisão dos mesmos não é de próprio direito e sim da autorização dos seus pais ou responsáveis.

6. DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi composta por 12 perguntas e um pequeno traçado de perfil logo no início das questões. Isso com objetivo de validar suposições formuladas abaixo. Através da pesquisa, buscaremos dialogar se essas suposições são aplicáveis ou se outras questões devam ser levantadas.

A primeira suposição testada é se a idade influencia ou não no comportamento e pré-suposições do que é mais seguro. Acredita-se que indivíduos acima de 35 anos tem maior cautela com seus hábitos noturnos, quando comparado a jovens que vivem nos mesmos locais.

A segunda suposição testada é se o gênero influencia na tomada de decisão e se isso afeta diretamente nos hábitos, principalmente noturnos, acredita-se que atualmente as mulheres tem tido mais preocupações com a violência, sendo violência por assaltos ou por sofrerem algo pior devido ao seu gênero.

Uma das suposições supõe que atualmente a maioria dos entrevistados moram em locais fechados e com alguma medida de segurança para proteção e que isso é algo aumenta a sensação de segurança.

Outro aspecto importante a ser testado é a sensação de segurança que as pessoas têm ao falarem sobre possíveis medidas de segurança existente nas suas residências e o quanto isso influencia no mercado da segurança privada, buscando validar que o mercado da segurança está em alta atualmente e isso gera um grande lucro a essas empresas

Também é importante validar como a violência influencia na satisfação pessoal de cada indivíduo, a hipótese tentará comprovar que a grande maioria das pessoas residentes do local estudado tem vontade de se mudar para locais menos perigosos ou movimentados.

Entrando no ambiente noturno, será testado como as pessoas que saem a noite em uma fatia considerável dos entrevistados, buscará opções de transportes ditas mais segura e que geralmente acabam saindo de perto de suas casas para aproveitar noites em outros lugares, utilizando geralmente modais de transporte privado para ir e voltar.

Também associando que as pessoas acima de 35 anos buscam geralmente modais mais caros para se transportar, como por exemplo taxi, enquanto jovens geralmente optam por algo mais acessível, como os aplicativos de transportes.

Buscaremos tentar afirmar que a grande maioria dos jovens querem chegar a cargos altos e com boa remuneração. Isso buscando ter uma melhor e mais confortável condição de vida.

Será uma importante confirmação que tanto jovens, como os mais velhos, todos eles já sofreram algum tipo de violência na cidade do Rio de Janeiro, sendo a maioria assaltos a mão armada e tiveram seus celulares roubados.

Associado a suposição anterior, a aquisição de novos itens é influenciada de forma muito assídua em como as pessoas direto ou indiretamente deixam de consumir um produto, como por exemplo um celular, pois já tiveram um caso de assalto e se não tiveram o caso anterior, temem que aconteça e isso faz com que os entrevistados se previnam não tendo produtos de alto poder aquisitivo, tendo ou não condições financeiras para tal fim.

Quando é recebido um presente ou até comprado um novo bem de alto poder aquisitivo, supõe-se que a grande maioria dos entrevistados não o utiliza em qualquer local e em qualquer horário, pois os mesmos temem perder aquela nova aquisição ou presente.

De suma importância no estudo é quando perguntado ao entrevistado qual a primeira coisa que vêm à cabeça quando falado de segurança e local onde ele vive. Espera-se que o entrevistado responda algo relacionado a ele não sentir segurança ou até mesmo não ver melhora. Isso será testado através da pergunta com justificativa, espera-se também que a grande maioria dos entrevistados buscará responder que essa sensação de insegurança se dá por experiências vividas ou vistas anteriormente.

A última suposição, porém, não menos importante a ser testada é se a mídia influencia no comportamento e sensação de segurança das pessoas na delimitação geográfica estudada. Acredita-se que a grande maioria dos objetos de estudo vejam apenas notícias de jornais ou televisões sensacionalistas. Como essas notícias influenciam em grande parte dos casos de forma negativa, de que forma as pessoas enxergam onde moram.

7. RESULTADOS

Quando entrevistado sobre o local que se vive, como sendo casa, apartamento, casa em condomínio fechado, entre outros tipos de habitação, bem como se o entrevistado possui algum tipo de segurança, pode-se observar que a grande maioria dos entrevistados (9 entrevistados) moram em local com algum tipo de segurança, tendo em vista que a maioria das habitações possui portões eletrônicos em suas entradas e uma parte considerável possuía câmeras.

Pode-se observar como os locais que, atualmente na maioria das vezes, estão protegidos, tendem a movimentar cada vez mais essa máquina de gerar dinheiro que vêm crescendo nos últimos anos. Que é a indústria que vende produtos de segurança.

Afinal, bens de segurança são consideravelmente caros, como portões eletrônicos, câmeras, cercas elétricas ou cortantes. Porém mesmo com o alto preço, as residências geralmente pagam os devidos *commodities* e buscam qualquer tipo de proteção que não é passada pelo governo, resultando num faturamento bilionário nos últimos anos das indústrias ligadas à segurança.

Também pode-se observar que todos os entrevistados tendem a querer se mudar, não continuando o resto da vida morando no mesmo local. Atualmente o fator de violência e vida muito movimentada da cidade do Rio de Janeiro é um fator determinante para tal mudança, existindo até alguns entrevistados que tendem a ter vontade de sair do Brasil.

Isso também pode ser observado quando olhamos o índice de criminalidade no Brasil e em outros países, conforme consta no anexo 2. Quando países Europeus, como é o caso da Alemanha, e a Austrália na Oceania, tendem a ter uma taxa menor de violência, tendo dados menores que 1. Enquanto o Brasil possui uma estatística 35 vezes mais violenta que a Alemanha e 27 vezes maior que a Austrália.

O fato dos países serem desenvolvidos não é justificativa para comparação com o Brasil, tendo vista que a Angola, que é um país consideravelmente mais pobre que o Brasil possui um índice de violência cerca de 2,5 vezes menor de que o Brasil (dados sobre violência nos países no Anexo 2 e dados sobre Índice de Desenvolvimento Humano no Anexo 3).

Ao pensar na vida noturna, notou-se que a grande maioria dos jovens (7 entrevistados) ainda tem o costume de sair à noite, porém ao sair os mesmos se resguardam e geralmente utilizam o modal de aplicativos de transporte, em alguns

casos sendo justificado pelo menor custo que o táxi, porém nenhum dos entrevistados alegou utilizar modais de locomoção em massa a noite, como ônibus, trem e metrô.

Já alguns dos entrevistados (5 entrevistados) se apoiaram na justificativa que, se a cidade do Rio de Janeiro não fosse tão violenta, eles não se importariam de utilizar outros modais para locomoção e andariam sim de ônibus, trens e metros à noite.

Correlacionando as duas perguntas, pode-se notar que um fator que faz com que os consumos dos transportes individuais sejam utilizados, é a violência, à medida que os jovens saem de transportes individuais. Quando perguntado se utilizariam transportes públicos de massa caso não houvesse riscos, os mesmos responderam que não haveria problema. Isso mostra que a violência é fator individual de tomada de decisão e faz com que as pessoas alterem seu perfil de consumo ou até mesmo deixem de consumir algo, no caso a vida noturna, caso não tenha condições de sair com o modal mais caro e aparentemente que proporciona uma maior sensação de segurança.

Na pergunta em que se supõe “se o Estado do Rio de Janeiro fosse um estado sem violência” existe uma divisão de respostas. Enquanto parte dos entrevistados (5 entrevistados) optaria por um meio de transporte de massa, alegando o menor custo, outra parte alega que continuaria usando meio de transportes privados ou de uso individual, como táxi e Uber.

Ainda existiram objetos de pesquisa (2 entrevistados) que alegaram não utilizar transporte de massa pela dificuldade de uso deles à noite, ou até por não existirem onde moram, como é o caso de entrevistados que viviam próximos ao bairro do Meier, local no qual não existe metrô. Outro aspecto lembrado em entrevista é o horário restrito de uso do metrô na cidade do Rio de Janeiro, parando de funcionar às 00:00h e aos domingos às 23:00h, não favorecendo o retorno por meio desse modal.

Já os ônibus foram duramente criticados, pela falta de disponibilidade em certos horários, condições ruins e o perigo. Levando em conta a exclusão do perigo hipoteticamente, poucas pessoas utilizariam os ônibus devido aos demais problemas dos mesmos.

Outro ponto a ser observado é a facilidade de uso dos modais de transporte individuais e veículos particulares, que foram sempre lembrados associados a conforto e praticidade.

Em relação ao futuro profissional, pode-se observar que entre os jovens (menores de 35 anos) a maior parte visa carreiras de sucesso e com boa remuneração. Apenas 2 entrevistados não sabiam o que queriam, porém mencionaram que desejavam ter um emprego com estabilidade e um bom retorno financeiro.

Para os entrevistados acima da idade de corte (35 anos), a grande maioria já possuía uma estabilidade e apenas desejam se manter nos cargos que vivem até a aposentadoria.

Isso mostra como os objetos de pesquisa deslumbram por algo grande nas suas vidas, porém esbarram num local de vivência que não corrobora com a vida que os entrevistados desejam ter.

Um dos pontos mais relevantes da pesquisa foi ter como resultado que todos os objetos de pesquisa já sofreram ou viram um caso de violência ao vivo. Conforme já falado anteriormente, a grande maioria teve seus celulares ou pertences roubados e geralmente a mão armada. Esse fato é muito preocupante, quando levado em conta que todos moram num local próximo, mostrando que a segurança naquele local não é favorável ao povo que ali vive.

Associado ao fato de memórias vividas é aceita a hipótese que a violência influencia diretamente no pensamento dos entrevistados, em relação a não morar mais onde vivem.

Todos os entrevistados quando perguntados que se houvesse uma opção de se mudar ou não, todos eles optariam por um novo local para morar, sendo as respostas de diversos lugares.

Houve aqueles que mudariam de cidade (2 entrevistados), geralmente indo para cidades do interior do Rio de Janeiro, outros mudariam apenas o bairro (5 entrevistados), geralmente indo para Zona Sul ou Barra da Tijuca e outros até para outro país (3 entrevistados) (Austrália, Alemanha e Holanda). Porém uma coisa foi unanimidade, que seria a mudança para locais conhecidos por ter um poder aquisitivo mais alto.

Outro resultado é a associação das respostas referentes ao consumo. Quando perguntado se o objeto de pesquisa deixa de consumir algo por conta da insegurança.

Salvo 2 exceções da pesquisa, todos os demais alegaram que deixam de consumir algo ou até mesmo quando ganham ou adquirem um novo item, costumam restringir o local de utilizá-los.

Falando sobre as exceções (2 entrevistados), ambos alegavam que não deixavam de consumir, porém viam pessoas que vivem ao seu redor, deixando de consumir. Esse fato é de grande preocupação, porque, conseqüentemente, diminui o consumo. Afinal, a partir do momento que um indivíduo deixa de comprar algo, pois tem medo de utilizá-lo, o mercado perde poder de venda e o consumo começa a ser diretamente afetado.

Analisando as entrevistas, é notório que, basicamente todos indivíduos (6 entrevistados), galgam altos cargos e um bom poder aquisitivo no futuro. É preocupante pensar que a violência pode prejudicar um possível grande comprador no futuro, afinal o mercado consumidor é composto por indivíduos com poder de comprar. A partir do momento que esses deixam de comprar, quem mais perde é o mercado e as empresas que disso dependem.

No momento que é falado da falta de segurança no local estudado, é notável que a unanimidade dos entrevistados respondeu com vigor que não existia segurança e a violência tomava conta do local de vivência. É de suma importância ressaltar que isso se dá, não só por memórias vividas como também pelas notícias divulgadas através dos meios de comunicação.

Quando associadas as perguntas, percebe-se que basicamente todos objetos do estudo (8 entrevistados) responderam sobre o medo constante de viver onde vivem e a sensação de insegurança que isso gera.

Mostrado isso, é notório como as mídias ajudam na influência do sentimento de medo.

Mesmo que muitas vezes a mídia seja sensacionalista (nas palavras dos entrevistados), ainda gera grande credibilidade na sociedade, mesmo que alguns entrevistados já percebam que esses meios de comunicação ajam de má fé em prol do recebimento de mais audiência. Fato preocupante ante o poder de influência que a mídia possui.

Há também os entrevistados mais otimistas (2 entrevistados) e que apesar da violência constante ser notória, ainda acredita que esteja vendo uma melhora e que o policiamento está sendo mais notado.

8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quando é falado sobre a segurança e onde os objetos de pesquisa residem, o resultado é que basicamente todos entrevistados não sentem segurança e moram em um local com algum tipo de segurança extra, como câmeras, portões elétricos, e diversos portões para se ter acesso a própria casa.

Quando Rolin (2006), fala sobre “os interesses das empresas de segurança na ampliação de seus mercados”, ele mostra exatamente o que os objetos de pesquisa percebem quando perguntados sobre a segurança do local onde residem atualmente.

Pensando mais a fundo, por que as pessoas sabem sem grandes esforços quais os sistemas de segurança existentes nos locais onde vivem? Elas percebem porque isso foi algo com uma importância considerável, um fator decisivo ao adquirir um bem de onde se irá viver, é um pré-requisito para escolha de onde irá morar. Numa sociedade sem violência ou com índices baixos, essa preocupação com o que possui de segurança no seu lar, não têm a mesma importância.

O fato acima justifica o porquê de a indústria da segurança vir aumentando seu faturamento nos últimos anos. Como mostra a reportagem da Revista Exame de 2018.

Neste ano, a Exposec – Feira Internacional de Segurança terá destaque no segmento de controle de acesso, um dos três principais que impulsionaram a indústria de segurança eletrônica a um faturamento de R\$ 6 bilhões em 2017. Os dados são da Abese – Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança, que indica ser a violência o principal motivo para o crescimento médio do setor nos últimos três anos ter sido de 8%. (Revista Exame Online, Dino, fev 2018)

Considerando que o PIB do Brasil apresentou um constante declínio nos últimos anos (anexo 4), observar um ramo com um faturamento expressivo de R\$ 6 bilhões de reais, é algo relevante, pois mostra que o consumo de alguns ramos, como o da segurança privada, ainda foi alto (0,24% do PIB), mesmo com o cenário econômico vivido atualmente.

Conforme disse Cano em (2012), a Zona Norte do Rio de Janeiro já teve outras políticas de segurança, porém as mesmas, se analisadas a longo prazo, não geraram perceptíveis resultados, ao ponto que os entrevistados moradores da Zona Norte em nenhum momento das entrevistas citam como algo positivo as Unidades de Polícia Pacificadoras.

Segundo Bauman (2007, p. 15), medo se instituiu nas “rotinas cotidianas” dos indivíduos. Pode ser observada que a afirmação foi corroborada pelo objeto de pesquisa ao responder sobre o seu comportamento diante de certas situações do dia a dia. É notória a percepção que o medo influencia nas rotinas diárias, afeta na vida e no comportamento de cada cidadão que reside naquele local.

Ao interpretar mais a fundo o que Bauman (2007), quando fala que o medo “não precisa mais de estímulos exteriores”, é intrínseco que atualmente o medo não está somente vindo de fora para dentro, ou seja, não precisa somente de estímulos externos para existir.

Vive-se em uma sociedade tão violenta que desde o nascimento as pessoas já são criadas em espécies de redomas de vidro, pois os pais buscam sempre defender os filhos enquanto podem. Isso também cria um sentimento interno de insegurança.

Esse fato pode ser associado a como os jovens adultos já sofreram algum tipo de violência, mesmo com a sua pouca idade, comprovando que, de fato, é normal que o medo hoje em dia seja algo já interno de cada cidadão. Afinal, com a insegurança que a sociedade carioca vem sofrendo é constatado, na pesquisa, que se deve ter medo e preservar-se ao máximo.

Para Silva (2014), as “lutas contra o terrorismo” intimidam a vida da população como um todo. E ao traçar um paralelo com o que é falado ele (2014) e o comportamento do objeto de pesquisa, o constante medo de ser assaltado pode ser observado nas tomadas de decisão dos entrevistados e na forma que os mesmos vivem.

A partir do momento que as pessoas passam a se privar de sair, ou quando saem, se resguardam e buscam um meio mais seguro de se locomover, ou um outro lugar para ir, elas estão se precavendo de possíveis riscos de assalto que poderiam sofrer.

Para Bauman (2009), “a insegurança alimenta o medo”. Porém a segurança absoluta tende ao tédio, tendo em vista que em busca da segurança, as pessoas acabam se reunindo em grupos de pessoas semelhantes, pois há necessidade da segurança trazida por esses grupos.

Opondo-se a isso, as pessoas no local de estudo, não alegaram hora nenhuma sair acompanhados de grupos de semelhantes, nem que isso trazia uma maior sensação de segurança. Esbarrando nisso, a segurança em excesso, trazida por Bauman (2009), não passa de uma utopia, que não se aplica ao cenário da área de estudo.

Os entrevistados tendem a se sentir mais seguro com a presença policial e/ou policiamento ostensivo (quando a mesma se faz presente), o que se mostra contrário ao que Rolim (2006) afirma, pois para o pesquisador o policiamento não causa uma sensação de segurança para a população. Outra afirmação importante feita por Rolim (2006) é em relação ao sensacionalismo da mídia, que foi citado também pelos objetos de pesquisa.

A mídia atualmente tem largo poder de dissipação das notícias, consegue produzir notícias e rapidamente fazer com que as mesmas se espalhem. Porém nem sempre isso é visto com bons olhos. Alguns entrevistados veem que a mídia faz sensacionalismo com as notícias de violência no local estudado e através disso consegue mais audiência.

O apelo por respostas duras e urgentes, pode ser encontrado em parte da população e dá margem para a mídia utilizá-lo em prol de benefícios próprios, ou seja, a população por mais que perceba o sensacionalismo, ainda dá audiência e quando tem as respostas rápidas e duras, aplaude e se satisfaz, favorecendo assim o crescimento e dissipação desse tipo de notícia.

A insegurança gerada pelo medo agrupa a população num pedido expressivo por segurança e através disso faz apelos sociais, no momento que Beck (2010), fala sobre a solidariedade do medo substituindo a solidariedade da carência. O mesmo mostra a força do medo nas tomadas de decisão da população.

O fato pode ser associado a intenção que os entrevistados possuem de sair do local que vivem, pois independentemente do local escolhido para viver, todos os entrevistados escolheriam, se pudessem, um local pautado na maior segurança e/ou tranquilidade de vida.

Uma afirmação foi unânime em todas as respostas da pesquisa, que foi ao serem perguntados sobre violência e o local que vivem, todos responderam algo referenciando a falta de segurança do local que moram.

Isso pode ser associado ao que Lima (2016) constata. Atualmente a sociedade vive num mar de violência e omissão, em busca de socorro a mesma clama por vingança e tomadas de atitudes duras. Isso é constatado pela sensação de falta de segurança no universo estudado, atualmente a falta de seguridade preocupa, dá medo, faz com que os indivíduos se sintam presos e que as forças policiais que eram para dar segurança, fiquem omissas e geralmente não consigam cumprir seu papel.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, percebeu-se que o consumo vem sofrendo constantes quedas, pois pode-se observar que o medo da violência influencia diretamente na tomada de decisão de possuir ou não algo. A população busca se resguardar, de todas as formas possíveis, contra a insegurança constante.

Os indivíduos deixam de comprar, presentear ou até usar seus bens, pois atualmente mostrar o que tem, se tornou perigoso, de acordo com o local que se vive ou frequenta.

As memórias vividas e o sensacionalismo da mídia, tem uma grande importância na manutenção desse medo constante. A população da Zona Norte carioca tem vivido dias difíceis e não demonstram visualizar melhoras a curto e médio prazo, visto que não há clareza quanto à implementação de políticas públicas voltadas para segurança.

As políticas de segurança impostas pelo governo não surtem efeitos visíveis, muito menos dão à população do local estudado a tão esperada qualidade de vida.

Através do presente estudo foi possível verificar que não só o nicho da indústria da segurança que já existia foi ampliado no mercado, como também está em constante crescimento e com uma perspectiva de maior lucratividade nos próximos anos, tornando-se uma máquina de grandes proporções para ganhar dinheiro.

Atualmente as moradias possuem portões, grades, diversas portas, portaria, cercas elétricas ou cortantes, muros, diversas fechaduras, porteiros e seguranças 24 horas por dia, ainda possuindo os monitoramentos de câmeras que funcionam a todo vapor filmando e vendo tudo que é feito nas residências.

Com o presente estudo, inferiu-se que o consumo de bens e serviços é diretamente afetado pelo medo causado pela insegurança, gerando grandes impactos na economia local.

10. REFERÊNCIAS

- ALVES, José Augusto Lindgren. **Os Direitos Humanos na Pós-Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BETIM, Felipe. **UPPs, mais uma história de esperança e fracasso na segurança pública do Rio**. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/11/politica/1520769227_645322.html
- CANO, Ignacio. RIBEIRO, Eduardo . **Venciendo una guerra que nunca existió: la experiencia de las UPP en Río de Janeiro**. Tendencias. Revista de la Universidad Blas Pascal , v. 11, p. 17-24, 2012.
- DINO. **Controle de acesso é um dos segmentos que impulsionaram indústria de segurança eletrônica a um faturamento de R\$ 6 bilhões em 2017**. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/controle-de-acesso-e-um-dos-segmentos-que-impulsionaram-industria-de-seguranca-eletronica-a-um-faturamento-de-r-6-bilhoes-em-2017/>. Acesso em: 22 maio 2019
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro; Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999
- FERREIRA SANTOS, Bárbara. **Um a cada três brasileiros apoia a intervenção militar no país**. 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/um-a-cada-tres-brasileiros-apoia-intervencao-militar-no-pais/> Acesso em: 23 jun 2019
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2011.
- LIMA, William da Silva. **Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho**. Rio de Janeiro: ANF Produções, 2016.
- MESQUITA, Dilma. **Shopping Center: a cultura sob controle**. Rio de Janeiro. Ed. Ágora da Ilha, 2002.

PADILHA, Valquíria. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PNUD, ed. (14 de setembro de 2018). «**Human Development Indices and Indicators - 2018 Statistical Update**» (PDF) (em inglês). Consultado em 24 de maio de 2019

UNODC Disponível em http://www.unodc.org/documents/gsh/pdfs/2014_GLOBAL_HOMICIDE_BOOK_web.pdf f. Acesso em 22 de maio de 2019.

REVISTA FÓRUM. **A ruralistas, Bolsonaro promete “licença para matar” para “cidadão de bem” defender propriedade**. 2017. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/a-ruralistas-bolsonaro-promete-licenca-para-matar-para-cidadao-de-bem-defender-propriedade/> Acesso em: 22 maio 2019

ROLIM, Marcos. **A Síndrome da Rainha Vermelha: policiamento e segurança pública no século XXI**. Oxford: University of Oxford; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista: mercadorias e cultura urbana**. Trad. de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SILVA, Armando. **Imaginários, estranhamentos urbanos**. Trad. de Carmen Ferrer. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2014.

WACQUANT, Löic. **As duas faces do gueto**. Trad. de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Tempos Líquidos**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

11. APÊNDICES

11.1 Questionário aplicado para coleta de dados:

Nome:

Idade:

Profissão:

Onde trabalha/estuda:

Bairro que mora:

1- Descreva brevemente o local onde vive? (casa, apartamento, condomínio, vila...)

2- Possui algum tipo de segurança? Se sim qual?

3- Se você fosse escolher um bairro, cidade ou até país para viver, qual seria? Por que?

4- Você tem costume de sair à noite?

Se sim, para onde? Qual meio de transporte utiliza para locomoção?

5- Caso você pudesse optar por um meio de transporte para sair a noite sem riscos, qual seria?

6- Supondo que você vivesse em um país sem violência alguma, qual seria o meio de transporte mais utilizado por você?

7- Pensando num futuro. Qual seu objetivo profissional? Até onde você quer chegar e por quê?

8- Você viveu algum tipo de experiência relacionada a violência na cidade do Rio de Janeiro? Se sim, qual e onde?

9- Você acredita que deixa de consumir ou ter alguma coisa por conta da insegurança?

10- Ao adquirir um novo item, você deixa de utiliza-lo dependendo do local que você vá?

11- Quando falamos sobre segurança onde você vive, qual a primeira coisa que vêm a sua cabeça? Por que?

12- Você acredita que as mídias têm influência na sua opinião sobre segurança?

11.2 Projeto piloto:

11.2.1 Primeira entrevista:

(Entrevistador)

- Bom dia, eu vou começar a entrevista agora.

- Por favor, seu nome, idade, profissão, onde trabalha ou estuda e o bairro onde mora.

(Entrevistado)

- Meu nome é Rodrigo, tenho 23 anos... Sou estudante, estudo na Universidade Candido Mendes, Centro e moro no Rocha.

(Entrevistador)

- Primeira pergunta... Descreva brevemente aonde você vive. Se é uma casa, uma casa em condomínio fechado, apartamento, prédio...

(Entrevistado)

- Moro numa casa que fica dentro de um condomínio fechado na Avenida Marechal Rondon.

(Entrevistador)

- Esse seu condomínio, possui algum tipo de segurança?

(Entrevistado)

- Sim, porteiro 24 horas e monitoramento de câmera.

(Entrevistador)

- Se você pudesse escolher um bairro, cidade ou até um país para viver, qual seria?

(Entrevistado)

- São Pedro da Aldeia

(Entrevistador)

- Por que?

(Entrevistado)

- Porque lá é um lugar mais tranquilo mais calmo, longe desse caos da cidade grande e me sinto mais tranquilo lá do que aqui na cidade do Rio de Janeiro.

(Entrevistador)

- Mas você vive mais tranquilo por conta da segurança ou por conta da cidade em si ser menor e mais calma?

(Entrevistado)

- Por conta da cidade ser menor e ter um baixo índice de criminalidade.

(Entrevistador)

- Você tem um costume de sair à noite? Para festa, bar, balada...

(Entrevistado)

- Sim, tenho costume de sair à noite... Para bares, festas e eventos..

(Entrevistador)

- Geralmente quando você vai para esses bares, eventos.. Qual o meio de transporte que você utiliza e por quê?

(Entrevistado)

- Carro particular. Porque volto, geralmente volto tarde e não me sinto seguro para andar de ônibus essa hora da noite e muitas vezes não tem ônibus dos locais para minha residência.

(Entrevistador)

- Em relação ao seu dia a dia, qual o meio de transporte que você mais utiliza e se você pudesse escolher outro, qual seria.

(Entrevistado)

- Utilizado mais o carro... Em relação a distância e o tempo do trajeto percorrido que eu demoraria num transporte público. Continuaría utilizando o carro por comodidade.

(Entrevistador)

- E pensando num futuro, você que é um estudante da Cândido Mendes, o que você pensa como seu futuro profissional?

(Entrevistado)

- Ahh, eu penso em seguir carreira na área penal, mais especificamente na área penal empresarial, defendendo grandes empresas.

(Entrevistador)

- E o que te motiva a isso?

(Entrevistado)

- A parte financeira e é uma área que você tem um leque muito aberto, que você pode trabalhar com empresas estrangeiras e até fora do país.

(Entrevistador)

- Perfeito. Você viveu algum tipo de experiência, relacionado a violência na cidade do Rio de Janeiro e onde você vive?

(Entrevistado)

- Sim, ano passado as 7:30h da manhã em frente a UERJ dentro de um “frescão”, três elementos armados, entraram dentro do ônibus, renderam todo mundo, colocaram a arma na minha cabeça e pediram para o rapaz que estava ao meu lado, para passar o relógio.

(Entrevistador)

- Nessa ocasião, aconteceu algo mais violento ou foi somente o roubo e levaram as coisas?

(Entrevistado)

- Não, foi só o roubo e graças a Deus não aconteceu nada demais dentro do ônibus

(Entrevistador)

- Atualmente você acredita que quando você pensa em comprar alguma coisa, você deixa de consumir algo por conta da violência? Seja um carro, uma moto, alguma joia, ou alguma roupa que chame atenção... Você deixa de consumir algo?

(Entrevistado)

- Eu não deixo de consumir não, mas muitas pessoas próximas a mim deixam, em razão da insegurança e com medo da violência.

(Entrevistador)

- E quando você adquire algum novo item, você já deixou de usá-lo no seu dia a dia, ou pensou que para tal lugar não era bom ir com esse item?

(Entrevistado)

- Teoricamente eu não deixo de fazer isso, mas meus pais por motivo de segurança, quando eu vou para algum lugar denominado mais perigoso, eles me pedem para usar um carro mais antigo que o meu para chamar menos atenção.

(Entrevistador)

- Quando a gente fala de insegurança e o bairro que você vive, qual a primeira coisa que vem a sua cabeça?

(Entrevistado)

- É... Há um tempo atrás tinham arrastões recorrentes, agora ta mudando um pouco isso, né... Porque.. Ta com polícia né?! Diuturnamente, fazendo rondas, só que não sabemos até quando isso vai continuar e se isso é.. se isso é passageiro.

(Entrevistador)

- Perfeito, é... E você acredita que as mídias – você vem vendo notícias perto de onde você vive, o que vem acontecendo – essas notícias mudam alguma coisa na sua opinião? Ou afetam?

(Entrevistado)

- Acredito que a mídia tenha um poder tanto pro bem como pro mal, se você utiliza ela de maneira equivocada, dando mais mídia para coisas que não deveriam ter tanta mídia, as situações em alguns locais pioram, pois é meio que um incentivo para as pessoas fazerem coisas erradas.

(Entrevistador)

- E no bairro que você vive, você sente isso acontecendo?

(Entrevistado)

- Agora está melhorando por que, pareci que aqui não tinha segurança nenhuma, que a pessoa vinha assaltava a hora que ela queria, e agora com o número maior de policiais isso está mudando.

(Entrevistador)

- Tudo bem, muito obrigado, eu vou encerrar por aqui. Bom dia.

12. ANEXOS

Anexo 1:

CENTRO DE POLÍTICAS SOCIAIS (FGV)

Classe	Renda familiar mensal total líquida
A	acima de R\$ 11.177
B	de R\$ 8.574 a R\$ 11.177
C	de R\$ 1.989 a R\$ 8.574
D	de R\$ 1.244 a R\$ 1.989
E	até R\$ 1.244

Valores atualizados em outubro de 2013, pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) e ajustados pela Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), de 2009

Anexo 2:

Taxas de homicídio no ano mais recente de acordo com o UNODC				
País	Taxa	Total	Região	Sub-região
Alemanha	0,85	682	Europa	Europa Ocidental
Brasil	26,74	55574	América	América do Sul
Angola	9,65	2414	África	África Central
Austrália	0,98	236	Oceania	Australásia

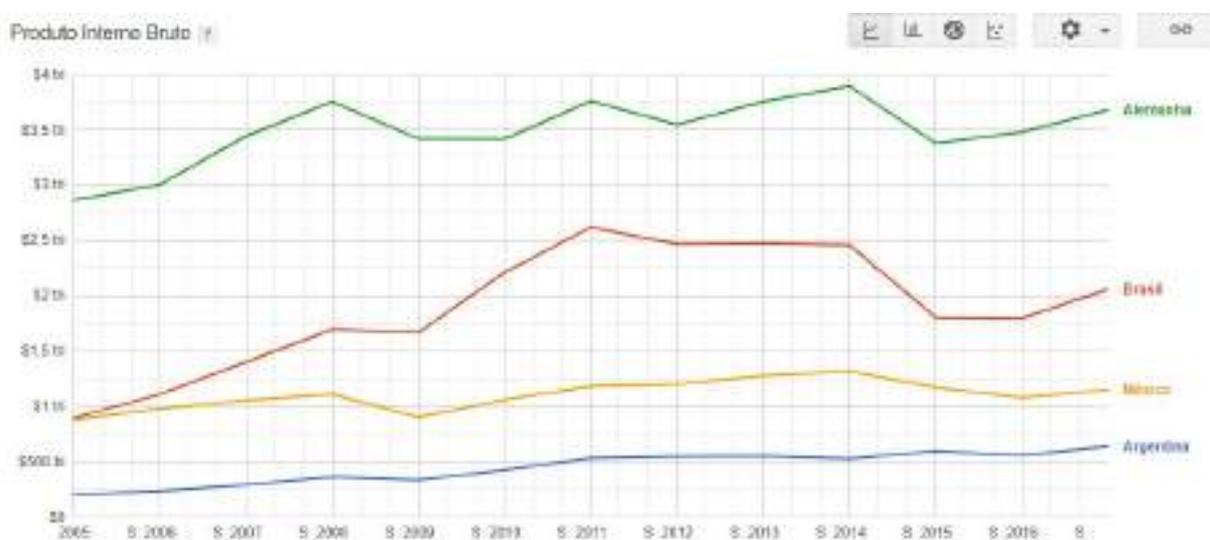
http://www.unodc.org/documents/gsh/pdfs/2014_GLOBAL_HOMICIDE_BOOK_web.pdf

Anexo 3:

Posição		País	IDH	
Estimativas de 2017 (publicadas em 2018)	Mudança em relação ao ranking do ano anterior		Estimativas de 2017 (publicadas em 2018)	Mudança em relação ao ranking do ano anterior
1	-	Noruega	0,953	0,002
2	-	Suíça	0,944	0,001
3	-	Austrália	0,939	0,001
5	(1)	Alemanha	0,936	0,002
42	(1)	Portugal	0,847	0,002
55	(1)	Uruguai	0,804	0,002
79	-	Brasil	0,759	0,001
147	(1)	Angola	0,581	0,004
173	-	Etiópia	0,463	0,006

http://hdr.undp.org/sites/default/files/2018_human_development_statistical_update.pdf - Páginas: 34 e 35

Anexo 4:



https://www.google.com.br/publicdata/explore?ds=d5bncppjof8f9_&ctype=l&strail=false&bcs=d&nselm=h&met_y=ny_gdp_mktp_cd&scale_y=lin&ind_y=false&rdim=region&idim=country: BRA: MEX: ARG: DEU&ifdim=region&tstart=1117594800000&tend=1496286000000&hl=pt&dl=pt&ind=false (Acessado em 01/06/2019)

Anexo 5

	POPULAÇÃO	ÁREA (KM ²)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/KM ²)
ERJ	15.989.929	43.780	365
Rio de Janeiro	6.320.446	1.225	5.161
Centro e Zona Sul	1.303.785	133	9.794
Zona Norte	2.645.526	260	10.185
Zona Oeste	2.371.135	832	2.851

Fonte: IETS, com base em dados extraídos do Armazém de Dados/IPP (2010); para o ERJ: IETS, com base nos dados do Censo/IBGE (2010).

Nota: a diferença entre a área territorial do município calculada pelo IPP e a do IBGE ocorre devido à adoção de distintas metodologias e base cartográfica em seus cálculos.